

GUERRA MUNDIAL POR PARTES: “AMEAÇA NUCLEAR” IMINENTE

Por Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Ataques dos EUA a instalações nucleares iranianas geram risco de proliferação nuclear e caos global; Ação mina o TNP e agrava tensões geopolíticas, com alto risco de sérias consequências futuras.

O ataque surpresa decidido pela Casa Branca: três instalações nucleares atingidas. A Guarda Revolucionária diz: “As bases americanas serão reduzidas a cinzas.” Ministro iraniano para a UE: “Negociações? Destruídas pelos EUA e Israel.” Fontes dos EUA: “As próximas 48 horas são muito preocupantes.” Lavrov: “O mundo corre o risco de mergulhar no caos absoluto.” O Papa Leão XIV alertou o mundo sobre uma iminente “ameaça nuclear”. Do Vaticano, o Santo Padre pediu responsabilidade global após os ataques entre Irã e Israel. A ameaça está bem à vista.

Os eventos da noite de 12 para 13 de junho de 2025 ficarão registrados na história como o momento em que Tel Aviv, apoiada pela cumplicidade de Washington e pela impotência da Europa, desferiu um golpe talvez fatal no maior obstáculo à guerra nuclear: o regime de não proliferação nuclear estabelecido pelo Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) de 1970 e pacientemente construído ao longo das décadas seguintes à Guerra Fria.

Com o desenvolvimento dessas operações, uma perigosa linha vermelha foi cruzada ao bombardear instalações nucleares civis de um Estado parte do TNP, sob o controle da Agência de Energia Atômica em Viena (AIEA). Alguns analistas internacionais questionam se o direito internacional, a Carta das Nações Unidas e qualquer princípio de proporcionalidade foram violados simultaneamente.

Nesse contexto, as mídias sociais têm comentado ultimamente que esse ato forneceu ao Irã a justificativa legal perfeita para se retirar do TNP e desenvolver armas nucleares com total legalidade internacional. O Artigo 10 do TNP permite a retirada quando *"eventos extraordinários colocam em risco os interesses supremos"* de um Estado. É difícil imaginar um evento mais extraordinário do que um ataque militar. A Coreia do Norte invocou o mesmo artigo em 2003 por muito menos. E três anos depois, tivemos a bomba atômica, de acordo com o direito internacional, porque nunca foi possível proibi-la.

O Irã agora pode reivindicar um grande ataque militar contra sua soberania territorial e instalações militares legais.

O que ninguém está dizendo: Essa situação acaba de dar ao Irã o caminho legal para obter armas nucleares. Os Estados Unidos se tornaram cúmplices dessa catástrofe diplomática.

Na consumação do ataque em 21 de junho de 2025, o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou que os Estados Unidos haviam realizado ataques aéreos de precisão contra três importantes instalações nucleares iranianas: Fordow, Natanz e Isfahan. O magnata anunciou o ataque no Cross Hall da Casa Branca, ladeado pelo vice-presidente J. D. Vance, pelo secretário de Estado Marco Rubio e pelo secretário de Defesa Pete Hegseth. Trump chamou a operação de *"sucesso militar espetacular"*. Medidas anteriores de distração ou engano da mídia, como a declaração do secretário de Estado Rubio de que os EUA *"não estavam envolvidos"* no ataque, eram absurdas: Israel não pode operar sem o consentimento tácito dos Estados Unidos. Mas a ameaça de Trump de ataques *"ainda mais brutais"* caso o Irã não assine o acordo nuclear em discussão revelou, há dias, a verdadeira e absurda estratégia: forçar o Irã a assinar um acordo que ele não pode assinar daqui para frente.

PRECEDENTE ATERRORIZANTE

Se o Irã ceder ao ultimato militar sobre as negociações, ele estabelecerá um precedente terrível: qualquer estado nuclear poderá bombardear seus vizinhos para obter concessões políticas ou para puni-los. Que confiança os estados não nucleares podem depositar em um tratado que falhou em protegê-los de agressões militares, mesmo quando eles cumpriram suas obrigações internacionais?

Isso nos leva a refletir: para quem esses tratados são úteis? Só para os mais fortes? Recordemos o Tratado TIAR ou Tratado Interamericano de Assistência Recíproca. É um acordo de segurança coletiva entre os países das Américas, assinado em 1947 no Rio de Janeiro. Seu principal objetivo é prevenir e responder a ataques armados ou agressões contra qualquer um dos Estados-membros. Em suma, o

TIAR é um tratado que busca cooperação e assistência mútua entre os países americanos em caso de agressão externa.

Estabelece que um ataque contra um Estado-Membro é considerado um ataque contra todos, implicando uma resposta coletiva. Aplicação: Foi invocado em diversas ocasiões ao longo da história, incluindo conflitos entre países da América Central e a Guerra das Malvinas. Quando foi invocado pela Argentina, os EUA o vetaram e impediram sua implementação em 1982.

REGIME DE SALVAGUARDA

De acordo com nossa análise profissional e objetiva, além da Névoa da Guerra 2.0 induzida pela mídia e pelo sensacionalismo, o Irã, apesar de todas as controvérsias dos últimos anos, permaneceu sob o regime de salvaguardas da Agência de Energia Atômica. Suas instalações de enriquecimento foram submetidas a inspeções internacionais. Seus cientistas trabalharam em um contexto legal, ainda que desconfortável devido às sanções ocidentais. Eliminá-los significa transformar a energia nuclear civil em um objetivo militar, destruindo, ao estilo de Gaza, uma das distinções mais importantes do direito internacional.

A Europa assiste impotente ao colapso de uma de suas obras-primas políticas e diplomáticas. O acordo de 2015 que suspendeu as sanções e reintegrou Teerã à arena internacional foi um símbolo do multilateralismo europeu, prova de que a Europa poderia ser um ator global autônomo. O acordo foi quebrado por Trump em 2018, mas permaneceu em vigor no lado europeu.

Hoje, França, Alemanha e Reino Unido estão limitados a tímidos apelos por “contenção” enquanto sua obra-prima está sendo destruída diante de seus olhos.

GUERRA NA UCRÂNIA

Há anos temos ressaltado que o fornecimento de equipamentos, armas e dinheiro pela OTAN à Ucrânia tem impacto muito limitado no campo de batalha. Nenhum sistema de armas faz diferença. Sabemos por fontes amigas e pela mídia ucraniana os comentários de cada semana. A impressão que nos passam é muito preocupante. Pouquíssimos soldados, pouquíssimo equipamento. Grandes problemas para conseguir peças de reposição. Com seriedade militar profissional, devemos ressaltar repetidamente: muito pouco está sendo feito para apoiar a Ucrânia.

Ofensiva de verão? O quadro geral corrobora essa conclusão. Em preparação para um ataque a um setor específico da frente, os suprimentos para as tropas inimigas são cortados para que avanços rápidos possam ser feitos mais tarde, durante o próprio ataque. Isso é evidente na ofensiva de primavera russa, que serviu principalmente para isolar futuras zonas de ataque para a ofensiva de verão. Atualmente, esses preparativos estão aumentando. Nós os observamos, por um lado, no setor central da frente, especialmente na área de Siversk, mas também os vimos em Zaporizhia, por exemplo, no sul. Muitos relatórios da frente parecem indicar que as coisas estão indo conforme o planejado para os russos. De acordo

com uma análise do *Wall Street Journal*, os militares russos capturaram mais território em maio do que em qualquer outro mês desde fevereiro de 2022. Em alguns casos, os russos capturaram entre 15 e 20 km² em um único dia. Também é interessante notar que o número de baixas entre as tropas russas, tanto em pessoal militar quanto em equipamento pesado, está diminuindo. Mas voltando ao foco atual da atenção global: a espada nuclear de Dâmcocles está de volta.

O precedente é devastador: se um estado pode bombardear as instalações nucleares civis de outro sem consequências, o TNP não tem valor.

O Conselho de Segurança, paralisado por vetos cruzados, ficará de braços cruzados, como fez com a Coreia do Norte. O resultado será uma espiral de proliferação nuclear envolvendo Arábia Saudita, Turquia, Egito e outros atores regionais. O pesadelo que foi evitado por sete décadas pode se tornar realidade. O Irã agora tem 90 dias para se retirar do TNP e terá o direito internacional ao seu lado. De acordo com esse raciocínio claro e realista, um Irã nuclear não será mais um “regime desonesto”, mas um estado soberano se defendendo em um mundo onde a força parece, por enquanto, ter substituído a lei.

Por sua vez, a Organização de Energia Atômica do Irã, que supervisiona a tecnologia nuclear do país, condenou os ataques dos EUA, chamando-os de “ataque selvagem” ocorrido na manhã de domingo, de acordo com a agência de notícias estatal IRNA. A agência chamou os ataques de “flagrante violação do direito internacional, em particular do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP)”.

O Ocidente “opulento” (ou seus atuais líderes) acaba de abrir a caixa de Pandora nuclear. As consequências dessa irresponsabilidade recairão sobre as gerações futuras.

NOVA FASE

O ataque dos EUA marca uma nova fase perigosa no confronto de uma década entre Washington e Teerã, que dura desde o assassinato do general Qassem Soleimani em janeiro de 2020, inaugurando um período de tensões que foram mal contidas e nunca totalmente resolvidas. Hoje, cinco anos depois, a incursão idealmente fecha um círculo e abre cenários de confronto ainda mais amplos e imprevisíveis.

Steve Bannon, ex-estrategista-chefe da Casa Branca e porta-voz da ala “América Primeiro” do Partido Republicano, chamou a operação de “*erro estratégico projetado para arrastar os Estados Unidos para um conflito prolongado e custoso*”. Em seu podcast War Room, ele foi claro: “*Não é do interesse dos Estados Unidos expandir os conflitos no Oriente Médio enquanto a prioridade continuar sendo a proteção dos cidadãos e das fronteiras.*”

Do lado oposto, vemos as opiniões de Dmitry Medvedev (ex-presidente da Rússia).

“*O que os americanos conseguiram com seu ataque noturno ao Irã? 1) A infraestrutura nuclear crítica parece ter sofrido pouco ou nenhum dano. 2) O enriquecimento de materiais nucleares, e agora podemos afirmar diretamente, e a*

futura produção de armas nucleares, continuarão. 3) Vários países estão prontos para fornecer diretamente ao Irã suas armas nucleares. 4) Israel está sob ataque, explosões estão ocorrendo e as pessoas estão em pânico. 5) Os Estados Unidos são atraídos para um novo conflito pela perspectiva de uma operação terrestre. 6) O regime político no Irã foi mantido e provavelmente foi fortalecido. 7) O povo está se consolidando em torno da liderança espiritual, mesmo aqueles que não simpatizavam com ele. 8) Trump, que chegou ao poder como um pacificador, iniciou uma nova guerra para os Estados Unidos. 9) A grande maioria dos países do mundo é contra as ações de Israel e dos Estados Unidos. 10) Com tanto sucesso, Trump nunca verá o Prêmio Nobel da Paz, apesar de toda a venalidade dessa indicação. Um bom começo. Parabéns, Sr. Presidente!"

Reflexões interessantes, as de Steve Bannon (EUA) e Dimitri Medvedev. A guerra irrestrita e a guerra mundial fragmentada continuam. E agora com sério risco de escalada nuclear.

(Nota: A ideia de uma “guerra mundial fragmentada” sugere que, embora não haja uma única frente de batalha global, as tensões, a violência e as consequências desses conflitos se espalham por todo o mundo, criando um ambiente de instabilidade semelhante ao de uma guerra mundial.)

[Publicado no La Prensa.](#)

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
